

O MUSEU

SOBRE

O MUSEU . FBAUP

No Gabinete de Desenho e Gravura

O **Museu** da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto caracteriza-se, enquanto museu universitário, simultaneamente como lugar de investigação especializada em torno da teoria e da prática artística e lugar de difusão do saber e de comunicação com o mundo exterior à comunidade universitária.

O acervo do Museu da FBAUP apresenta características particulares que o distinguem das colecções habitualmente encontradas em museus de arte, dado ter sido construído com o objectivo primeiro de se constituir como instrumento de aprendizagem e aperfeiçoamento dos estudantes de Belas Artes. Assim, integra essencialmente, no seu núcleo internacional, desenhos de mestres europeus e gravuras adquiridas com o objectivo de apresentarem modelos qualificados para a formação dos jovens; no que respeita a obras de arte de autores portugueses acolhe sobretudo uma selecção de trabalhos elaborados durante o período de aprendizagem e formação dos artistas, e provas de concurso de docentes com vista ao avanço na carreira.

A actividade do museu da FBAUP tem sido orientada pelo principal objectivo de estudar e divulgar as suas colecções. A abertura do museu à comunidade científica nacional e internacional já deu os seus frutos em estudos divulgados através de exposições e publicações. Por outro lado, o trabalho quotidiano da equipa do museu, no sentido de aprofundar cada vez mais o conhecimento das colecções, através da consulta não só de material publicado mas das fontes documentais no arquivo da FBAUP, vai sendo divulgado através do boletim do museu, de exposições que organiza ou para as quais contribui, e do site onde, quer o investigador especializado quer o público interessado, podem encontrar as mais recentes informações sobre as obras, a colecção e a própria instituição.

Aqui fica, então, o convite para conhecer e participar nas actividades do **Museu** da FBAUP.

Coordenação

Cláudia Garradas

Regulamento Interno

[Download PDF](#)

DOCUMENTAÇÃO

O MUSEU . FBAUP

No Arquivo

Para a investigação desenvolvida no **Museu** é fundamental o acesso à vasta documentação existente em arquivo, composta por documentos de natureza pedagógica, administrativa e

contabilística, remontando à época da fundação da Academia Portuense de Belas Artes. O arquivo encontra-se tratado, e disponível à consulta por investigadores internos e externos, até 1957. Procede-se actualmente ao tratamento da documentação mais recente, trabalho desenvolvido pelo serviço de Documentação que integra a Biblioteca e o Arquivo.

Condições para Exposições no Museu / Alunos

[Download PDF](#)

Condições de Empréstimo de Obra(s) de Arte

[Download PDF](#)

Condições para Execução e/ou Cedência de Fotografias, Transparências ou Filmagens de Obras de Arte

[Download PDF](#)

DOCUMENTAÇÃO

O MUSEU . FBAUP

Pormenor do Gabinete de Desenho e Gravura

MORADA

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Av. Rodrigues de Freitas 265,
4049 - 021 Porto, Portugal

Telefone + 351 225 192 415 / **Fax** + 351 225 367 036

E-mail + omuseu@fba.up.pt

Horário + Manhã 9.30h-12.30h / Tarde 14.00h -17.30h

Transportes + Autocarros 207, 400

Coordenadora+ Cláudia Garradas

Assistente Técnica+ Isabel Gonçalves

LOCALIZAÇÃO

PROJECTOS

Ponte a Ponte

O projecto **De Ponte a Ponte** ocupa-se de uma zona da cidade do Porto há muito negligenciada, onde se encontra, quase desde a sua fundação como Academia Portuense de Belas Artes, a actual

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). É a zona de **S. Lázaro e Fontainhas**, de **Rodrigues de Freitas** e **Praça da Alegria** entre as **Pontes de S. João, D. Maria** e do **Infante**. O projecto propõe-se contribuir para o desenvolvimento uma metodologia de intervenção artística no espaço público utilizando a zona referida como estudo de caso e área de intervenção concreta.

ACÇÃO 1: DA PONTE DO INFANTE À PONTE DE S. JOÃO

Foi a base de todo o projecto. Consistiu na recolha e sistematização de informação para o conhecimento da zona identificada, concentrada nos seguintes núcleos: **S. Vitor, Bairro do Saldanha, Passeio das Fontainhas, Jardim de S. Lázaro, Ponte D. Maria, Avenida Rodrigues de Freitas e Faculdade de Belas Artes**. Para a construção deste conhecimento foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica, bem como feito um levantamento de registos gráficos – desde registos fotográficos a projectos de arquitectura. A componente artística desta acção é constituída pela publicação de “Lições de Hospitalidade”, álbum de fotografias de Susana Lourenço Marques (professora assistente de Fotografia) com o retrato de funcionários e professores da Faculdade. O álbum funciona como proposta de apresentação da Faculdade aos habitantes da área envolvente.

Link para [Você Está Aqui](#)

ACÇÃO 2: PROJECTOS ARTÍSTICOS E EXPOSIÇÃO

Intervenção artística na zona identificada. Os projectos de intervenção, orientados pelos professores, foram desenvolvidos pelos alunos nas áreas da fotografia, vídeo e design. Paralelamente foram realizados dois *workshops* de fotografia com orientação da artista Susana Lourenço Marques com os alunos da **Escola EB1** da Alegria. Esta acção culminou com a exposição **Aqui Perto**. Exposição de fotografia dos alunos dos 2º e 4º ano dos Cursos de Design de Comunicação e Artes Plásticas. Foi comissariada por José Carneiro e Susana Lourenço Marques, docentes de Fotografia da FBAUP. Esteve patente ao público na **Biblioteca Pública Municipal do Porto**. Foi produzido um catálogo da exposição cuja concepção gráfica é da autoria dos alunos de Design de Comunicação Tiago Pereira e Sandrina Silva sob orientação do professor da disciplina de Projecto, António Queirós.

Link para [Aqui Perto](#)

ACÇÃO 3: CONSTRUÇÃO DE BASE DE DADOS

Elaboração de uma aplicação informática para a construção de uma base de dados que sistematiza a informação e documentos reunidos, possibilitando o acesso *on-line* a informação sobre os núcleos identificados. Na base de dados estão ainda acessíveis os projectos artísticos desenvolvidos no âmbito do projecto. A aplicação foi desenvolvida por uma equipa da FEUP, com coordenação do Professor Ademar Aguiar. A equipa desenvolveu uma plataforma *web* colaborativa de suporte à inserção, pesquisa e disponibilização dos vários tipos de conteúdos recolhidos e elaborados - textos, fotografias, registos áudio, vídeos e mapas - na Acção 1. A plataforma *web* desenvolvida foi baseada num *wiki* livremente disponível (*SnipSnap*) que foi evoluído para suportar os requisitos e conteúdos específicos do projecto, dos quais se destacam a georreferenciação de conteúdos em mapas do Google Maps, e as capacidades de registo, pesquisa e visualização de conteúdos multimédia (galerias de fotos, registos áudio e vídeos). Ao *wiki* resultante, deu-se o nome de GeoWiki.

Link para [Você Está Aqui](#)

ACÇÃO 4: SEMINÁRIO

Intervenção Artística no Espaço Urbano: agentes, estratégias, prioridades

[Download PDF](#)

Realização de uma palestra e uma mesa-redonda em torno do assunto: **Intervenção Artística no Espaço Urbano: agentes, estratégias, prioridades**. A palestra teve lugar na FBAUP, a 24 de Novembro de 2006. Com as seguintes apresentações: *Comissioning Art for Public Spaces* – Por **Michaela Crimmin**. Comissária. Responsável para as Artes da RSA (Royal Society for the Encouragement of Arts, Manufactures and Commerce), professora no Royal College of Arts, em Londres. Coordenou a primeira fase do projecto *Fourth Plinth*, em Trafalgar Square. *Teaching "in Public Space"* – Por **Kris Van't Hof**. Artista. Professor do Departamento de Belas Artes da Real Academia de Belas Artes de Antuérpia, Bélgica. Coordena o programa de 1º e 2º ciclo *In Situ 3*, projecto de intervenção artística no espaço público. *Notes on Preservation of Contemporary Public* – **Lúcia Almeida Matos**. Professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Moderadora: **Gabriela Vaz Pinheiro**

A Mesa Redonda teve lugar na FBAUP, a 6 de Dezembro de 2006. Estiveram reunidos artistas e comissários que discutiram sete projectos de arte pública.

Ângela Ferreira - Kanimbambo

Dalila Gonçalves - Intervenção Efémera

Fernando José Pereira - *La grâce du tombeur II*

Filipe Oliveira Dias - Projecto de reabilitação da Rua Miguel Bombarda com pavimentos de Ângelo de Sousa

Heitor Alvelos - Intervenções Clandestinas

Laura Castro - O Sol e o Mar, de Zulmiro de Carvalho

Miguel von Hafe Perez - Treze a rir uns dos outros, de Juan Muñoz

COLECÇÃO

Desenho

A colecção de desenho da FBAUP divide-se em dois núcleos distintos: um mais vasto, de desenho de natureza académica, produzido no âmbito da actividade escolar de estudantes e docentes, e outro, constituído por cerca de uma centena de desenhos antigos de mestres europeus cuja proveniência, na maioria dos casos se desconhece mas, provavelmente adquiridos com o objectivo de se constituírem como exemplo artístico qualificado para a formação dos jovens artistas.

A Vieira Portuense, primeiro mestre da Aula de Desenho da Academia do Porto e para quem o Desenho e a Pintura eram «*uma das mais solidas, e nutritivas bases de muitas bellas idéas*», pertencem os primeiros desenhos da colecção de autores portugueses. Da cópia do antigo, ao desenho a partir do modelo vivo, passando pelo desenho anatómico, a observação da figura humana e o seu registo é o tema central das várias disciplinas de desenho que sempre integraram os cursos de Pintura, de Escultura e de Design ao longo das décadas. Recentemente, dois desenhos de grande formato, produzidos no âmbito de concurso para o lugar de professor, um de Marques de Oliveira e outro de José de Brito, foram objecto de um muito necessário restauro devido à generosidade da ARPPA, associação regional para a preservação do património cultural e natural.

Design

Escultura

Do acervo de escultura fazem parte cópias em gesso de esculturas clássicas, utilizadas não só nas aulas de escultura como nas de desenho. Obras originais de alunos e professores tratam, até meados do século XX, sobretudo o modelo vivo, o retrato e a estatuária, esta última, em forma de esboços ou maquetas, executados em gesso e, em alguns casos, passados a bronze. Novos materiais e actualizadas formas de fazer escultura estão representadas ainda em algumas peças mais recentes.

Gravura (Em Preparação)

A colecção da Gravura da FBAUP integra uma maioria de gravuras de interpretação, isto é, gravuras que registam ou interpretam obras em outros suportes e técnicas, sejam pinturas, esculturas ou desenhos. O estudo pioneiro de Marie Therese Mandroux-França *Information artistique et mass-media au XVIIIe siècle: La diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal*, em 1974, divulgou internacionalmente uma importante componente deste acervo.

Recentemente, o especialista britânico Martin Hopkinson foi convidado a analisar a colecção com o objectivo de serem estabelecidas prioridades para o seu tratamento, estudo, e eventual exposição. Também o investigador Peter Fuhling contribuiu para este trabalho, ainda em fase inicial, que terá de envolver várias outras colaborações ao nível da investigação, da conservação bem como do financiamento de um projecto que envolve muitas centenas de peças.

Pintura

A colecção de pintura integra algumas centenas de pinturas de modelo vivo, de estudos, e de grandes composições executados por alunos e por professores. Algumas obras são representativas do trabalho de artistas de primeiro plano da cena artística nacional como sejam Júlio Resende, Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro ou Eduardo Batarda.

GALERIA

EXPOSIÇÕES

O Exercício do Desenho, na Colecção da FBAUP

De 2006-02-06 até 2006-02-17

Local: Museu da FBAUP

A presente exposição, dedicada às técnicas de desenho utilizadas nos programas de estudo da antiga Academia Portuense de Belas Artes, depois Escola Superior, hoje Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, pretende, não só divulgar um magnífico espólio, como também proporcionar, simultaneamente, uma experiência cultural e pedagógica, cumprindo desta forma

um dos objectivos a que o Museu se propõe.

Dos exemplos seleccionados, não se podem fazer comparações qualitativas entre um e outro género de desenho, ou entre os mais antigos e os mais recentes, pois o objectivo está na revelação dos meios e técnicas usadas na construção dos desenhos e quanto das suas diferenças provêm das características dos próprios materiais. Estes desenhos mostram também a importância das superfícies, do modo como a sua natureza e a dos meios como o carvão, a grafite, a sanguínea ou a tinta-da-china, se relacionam e condicionam os vários discursos do artista.

A exposição «O EXERCÍCIO DO DESENHO, na colecção da FBAUP» permite assim a apreciação de desenhos como obras de extraordinária qualidade estética, ou, pela sua modéstia e intimismo, como estudos ou projectos de trabalhos futuros. Inacabados ou completos, de precisão ou de automatismo, de observação ou de memória, esta pequena mostra procura trazer à superfície valores expressivos que resultam do uso de diferentes meios e suportes.

GRAFITE

A grafite, também conhecida por grafito ou plumbagina, é um mineral constituído por carbono natural quase puro, possuindo uma cor negra de ferro ou cinzenta de aço.

A grafite tem vindo a ser utilizada, desde o século XVIII, por possibilitar uma variada gama de traços, tonais e lineares, e por constituir um meio rápido para fixar uma ideia, ou também obter composições sumariamente elaboradas. Qualidades como, rapidez de execução, liberdade de movimento, processos de medição e de representação do real, estão habitualmente associados ao uso da grafite como técnica de desenho, versátil e susceptível de se apagar.

Apesar de ter sido descoberta no século XV na Baviera, foi só em 1662, na Alemanha, que Staedtler fabrica o que se poderá chamar «antecessor do lápis», pois foi o primeiro a adicionar outros ingredientes e a criar sistemas de cobrir a grafite. Um século mais tarde, em 1761, Faber estabelece a sua fábrica de lápis em Inglaterra, e em 1795, Conté regista a patente do seu processo de criação de um substituto da grafite, baseado na mistura de grafite, argila e água, que endurecida em fornos permitia ser moldada e inserida em sulcos feitos em pequenos cilindros de madeira de cedro: estava então criado o lápis que conhecemos.

Hoje é possível encontrar grafite em mais de vinte graus de dureza, que variam do muito duro (8H), ao muito mole (9B). Os mais duros, fazem linhas finas de um cinza pálido, enquanto que os mais moles, fazem linhas grossas e negras, não necessitando mais do que uma pressão moderada da mão. Quanto maior for a dureza da mina, mais brilhante é o resultado.

Em forma de lápis, em pó, mina para lapiseira ou apenas revestida por uma película de plástico, a grafite, tem resultados bastante diversos mediante a qualidade do papel utilizado e é passível de ser utilizada em conjunto com outros materiais como o carvão, tinta de água, aquarela, terebentina, acrílicos e pigmentos de óleo.

MEIOS LÍQUIDOS

A tinta aplicada com pincel, aparo, ou pena, foi usada pelas principais culturas antigas para desenhar e escrever. Mesmo depois da introdução e manufactura dos meios secos, estes instrumentos continuaram a ser populares no Ocidente, pelo facto de se adaptarem com alguma naturalidade ao desenho. A partir do século VI na caligrafia, e do século XI no desenho, o aparo de cana permitiu um novo registo ou uma nova ideia de linha e necessariamente de desenho. Quando bem embebido em tinta produz linhas escuras e densas, mas à medida que a tinta sai do aparo, se aumentarmos a pressão sobre o mesmo, conseguem-se delicadas nuances tonais. Este aparo só desliza bem quando completamente cheio de tinta.

Muito popular antes do aparecimento do aparo metálico, a pena da asa, ou da cauda de pássaro,

teve desde o século XII, um uso generalizado na escrita e no desenho. A sua ponta permite obter um traço expressivo, fino e seco, pois responde às mínimas inflexões da mão, produzindo linhas extensas e finas ou linhas que variam de espessura segundo a pressão da mão.

A pena foi posteriormente substituída pelas pontas metálicas, a partir de meados do século XVIII, sobretudo em Itália e na Holanda, quando passam a estar ao serviço da virtuosidade académica. Os aparos metálicos retêm mais tinta que os aparos de cana ou de pena, não precisam de ser afiados e produzem linhas mais claras, mais limpas e definidas.

Tal como as outras técnicas de desenho, na Europa, o desenho a pincel conheceu uma lenta evolução até ao momento em que os artistas decidiram explorar todas as suas possibilidades. O progresso da técnica e a expressão artística efectuou-se simultaneamente, pois o desenho austero e meticuloso, executado com o pincel de corte direito, transformou-se gradualmente num desenho mais livre e vivo, pelo uso do pincel pontiagudo.

Tinta-da-china, usada universalmente tanto para escrever como para desenhar, é referenciada cerca de 4000 a C na cerâmica Egípcia e em 2500 d C na China, na caligrafia e desenho.

Preparada à base de negro carbono e aglutinantes aquosos, contém por vezes aditivos para melhorar a cor e a sua duração. O carbono provém da fuligem, que é obtida ao queimar várias substâncias como óleos, gorduras, resinas, ossos ou marfim. A substância preta que resulta é moída até se tornar num pó fino, que depois é misturada com água que contém aglutinantes, que são geralmente gomas obtidas de certas árvores, como a acácia, a mimosa, o eucalipto e a cerejeira. A tinta-da-china teve grande uso e reputação na Europa no século XVII no desenho linear e de aguada.

Sépia, designa muitas vezes todos os produtos de cor castanha semelhantes, mas é sobretudo um castanho púrpura escuro, frio e relativamente opaco.

Embora possa ser encontrada e identificada no trabalho de alguns artistas de Veneza e Génova dos séculos XVII e XVIII, ou ainda mais cedo em obras de artistas holandeses e flamengos, só começou a realmente ser usada no século XIX.

Foi o alemão I. C. Seydelmann quando da sua estadia em Roma em 1778, que acrescentando ao bistre um líquido castanho-escuro que encontrou nos sacos de tinta do choco, terá inventado a sépia. A fabricação de sépia com tinta de choco tornou-se difícil de manter pelo que se desenvolveram outras fórmulas, como a que se conseguiu com a terra de Kassel. Com os métodos semi-industriais do século XIX foi possível produzir sépia em grandes quantidades e assim alargar o seu uso e distribuição por toda a Europa como tinta para desenho.

SANGUÍNEA

A sanguínea, obtém-se a partir da hematite, um óxido de ferro avermelhado (Fe_2O_3), de que existem fundamentalmente duas variedades tonais: oligiste - vermelho e limonite - castanho ou amarelo, e é conhecida há milhares de anos. Foi utilizada pelos homens do Paleolítico e, segundo os vestígios encontrados, também nos esboços das pinturas tumulares egípcias assim como nas sinopias preparatórias dos frescos gregos e romanos, mas o certo, é que nenhum desenho a hematite subsiste antes do século XV.

Os suportes como o pergaminho, o papiro e as tábuas, não permitiam a conservação dos registos produzidos a sanguínea. Por isto, o uso deste material como instrumento de desenho está intimamente ligado à evolução do papel, o que justifica que só a partir do século XV haja testemunhos reais da sua aplicação. Também o fixativo que permite que o pó da sanguínea se fixe ao suporte não aparecer antes de 1480.

A sanguínea substitui o traço agudo e duro da ponta metálica até então muito utilizada, com um traço largo, impreciso e macio, a que se juntam ainda a várias possibilidades de tratamento de

meios-tons e diversidade de valores tonais, bem como a mobilidade gestual.

Este instrumento novo, virado para o imediato, para o desenho do natural, para o registo do vivo, dá ao artista renascentista novas formas de expressão, permitindo-lhe ultrapassar o conceito da linha-contorno característica dos registos anteriores.

As suas potencialidades mais cromáticas, e a sua versatilidade, permitem ainda a possibilidade de conjugação com outros instrumentos em técnicas-mistas, tais como com o aparo e tinta, a utilização da sanguínea aguada, a «técnica dos dois crayons» (sanguínea e carvão ou giz branco) e mesmo a «técnica dos três crayons» (sanguínea, carvão e giz branco).

CARVÃO

O carvão é um dos materiais de desenho mais antigos, foi usado na pré-história na pintura das cavernas, pelos gregos, romanos, durante a Idade Média e Renascimento, mas é sobretudo durante os séculos XIX e XX que o carvão adquire maior protagonismo, em parte devido aos novos fixadores.

As superfícies desenhadas a carvão são muito vulneráveis e difíceis de preservar, facto que fez com que esta técnica de desenho fosse um meio utilizado para trabalhos de carácter preparatório e transitório, ou seja, para receber ou dar lugar a outros materiais. Foi particularmente usado na aprendizagem do desenho e nas composições preliminares à pintura afresco ou a óleo, dado a facilidade com que se pode apagar, permitindo assim a correcção do erro. Até aos finais do século XV não se conheciam os fixadores. Terá sido em Veneza, que se começaram a usar pela primeira vez para a preservação dos desenhos a carvão, uma descoberta que fez com que os artistas utilizassem mais o carvão em desenhos finais.

Para fabricar carvão vegetal juntam-se pequenos ramos de salgueiro ou vide num recipiente hermeticamente fechado, privados de oxigénio e submetidos ao calor durante algum tempo. Após a cozedura obtêm-se paus de carvão negro, moles e quebradiços, que podem ser grossos, médios ou finos.

No entanto, hoje fabrica-se outro tipo de carvão: carvão comprimido, produzido de pigmento negro proveniente de fumo e misturado com aglutinantes. O carvão comprimido pode encontrar-se no mercado em barras de secção quadrada ou circular ou em minas revestidas a madeira sob a forma de lápis.

Tanto o carvão vegetal como o carvão comprimido permitem uma vasta gama de negros, embora o traço do carvão comprimido se caracterize por uma aparência mais brilhante. O desenho a carvão sobre papel é fácil de trabalhar, permite fazer correcções, criar escalas de valores através dos esfregaços com as mãos e esfuminhos e abrir brancos com a borracha ou o miolo de pão.

AFHNEPSXX

De 1998-06-01 até 1998-07-30

Local: Museu dos Transportes e Comunicações situado no Edifício da Alfândega do Porto

AFHNEPSXX - A Figura Humana na Escultura Portuguesa do Séc. XX

Comissária

Lúcia Almeida-Matos

Colaboração

Raquel Henriques da Silva

Organização

Lúcia Almeida-Matos

Colaboração

Artur Moreira

Restauro

António Trindade: VIII6

Manuel Moreira: V4

Projecto de Arquitectura

João Rapagão e César Fernandes

Colaboração

Isabel Rebelo

Execução

Mendonça e Irmãos, Lda

Transporte

Carrola Transportes, Lda

STEP, Porto

Junho e Julho de 1998, no Museu dos Transportes e Comunicações situado no Edifício da Alfândega do Porto